

Último livro de Martin Amis é sua obra-prima

Em 'Os Bastidores', britânico dá tratamento operístico a seus anos de formação como escritor e intelectual público e medita sobre a morte

[Gabriel Trigueiro](#)

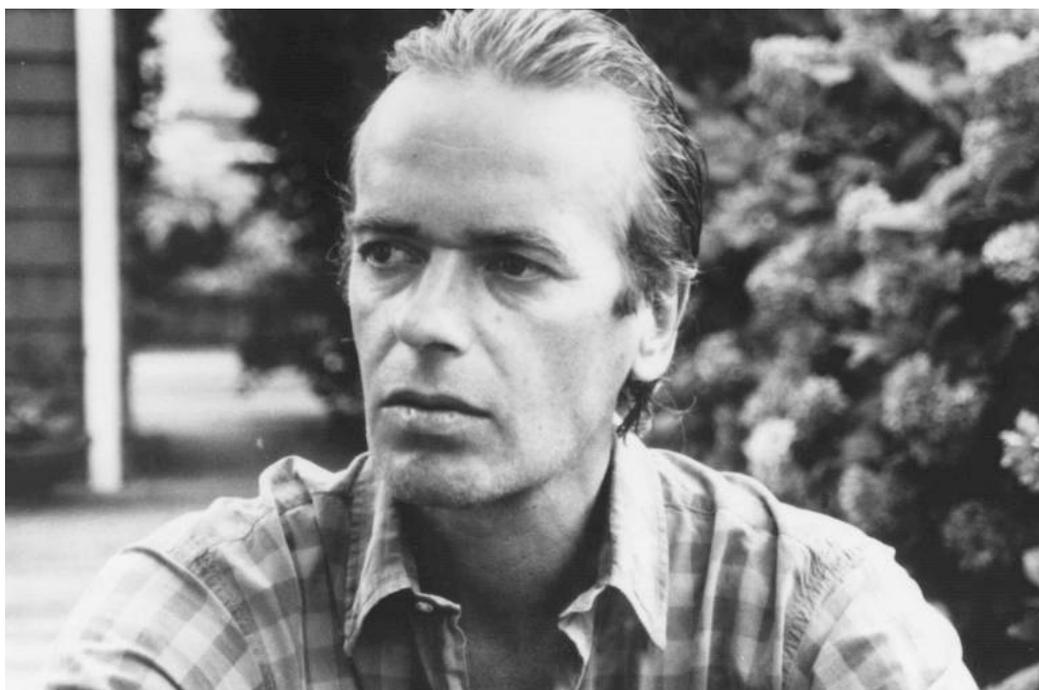
Doutor em história comparada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Folha de S. Paulo, 5.out.2024

[RESUMO] Livro inclassificável, mescla de romance, autoficção e ensaio, "Os Bastidores" é a obra derradeira e ápice do talento do britânico Martin Amis. Ao rever sua formação, o escritor combina admirável senso de humor, de ritmo e beleza das palavras a um tratamento profundo de temas como a morte.

"Os Bastidores", último livro de Martin Amis, [escritor inglês que morreu em 2023](#), desafia a classificação crítica mais ortodoxa. Por um lado é um romance de formação que abraça sem medo a autoficção. Mas é composto também por longos trechos ensaísticos, em que o autor estabelece com o leitor uma relação ainda mais estreita: comenta, ou melhor, inicia uma conversa sobre a natureza da escrita, suas especificidades e idiossincrasias.

O enredo gira em torno de uma confissão bombástica feita por uma ex-namorada de Amis, Phoebe Phelps, uma personagem ficcional que interage com versões ficcionalizadas de personagens reais. Ela o choca com duas revelações: dormiu com o pai dele, [o escritor Kingsley Amis](#), e, sobretudo, afirma que Martin seria filho biológico do [poeta Philip Larkin](#), melhor amigo da família.



O escritor Martin Amis - Reuters/Reuters

As declarações feitas pela ex têm lá seu elemento trágico, é claro, mas, para qualquer um familiarizado com o humor do autor, nota-se que há um sentido próprio de comicidade. Afinal, não foi Amis quem escreveu que "Depois de um tempo o casamento se torna um relacionamento entre irmãos —marcado por episódios ocasionais e bastante lamentáveis de incesto"?

Ocorre com o autor uma variação daquilo que acontece com [Wes Anderson no cinema](#). Uma acusação feita a qualquer esteta, verdade seja dita —a obsessão pelo estilo e pela forma revela a incapacidade de abordar temas profundos. "Os Bastidores" é uma excelente, e quem sabe definitiva, refutação dessa tese.

O livro funciona pelo menos em duas dimensões distintas. Em primeiro lugar, como um exercício de ritmo e beleza. [Martin Amis já declarou](#) mais de uma vez ser um autor comprometido com aquilo que chamou de "princípio do prazer". Alguém que caminha na direção oposta a dos escritores que chamava de "compulsivamente obscuros". Não custa lembrar de sua dificuldade com [William Faulkner](#), por exemplo, que definiu como "igual a [James Joyce](#): genial, mas sem talento".

Em segundo lugar, a obra é uma tentativa de entender as mortes de duas das principais referências de sua vida: [a de Christopher Hitchens](#), um dos maiores ensaístas e intelectuais públicos do final do século 20 e início do 21, além de seu melhor amigo; e [a de Saul Bellow](#), uma espécie de figura paterna literária. O primeiro morreu em 2011, depois de uma longa luta contra um câncer no esôfago, amplamente documentada pelo próprio [Hitchens e transformada em livro póstumo, "Últimas Palavras"](#); o segundo morreu em 2005, devido a complicações de um quadro avançado de Alzheimer.

Amizade à primeira vista

A relação de companheirismo intelectual entre Amis e Hitchens foi amor à primeira vista. Amis comenta ter visto um debate na TV norte-americana, ainda na década de 1980, entre Hitchens e um conservador almofadinha, membro da administração Ronald Reagan.

Na época, a direita nos EUA havia feito um esforço contumaz em criminalizar no debate público a palavra "liberal", o equivalente a uma centro-esquerda moderada naquela configuração política. Se reconhecer como um, dentro daquele contexto histórico específico, era estar associado a uma lepra moral, a um estigma.

Qual não foi a surpresa de Amis ao perceber que Hitchens, quando questionado maliciosamente pelo seu antagonista se ele se definia como um liberal, optou por dobrar a aposta e declarar na cara dura: "Liberal não, socialista".

Décadas depois, quando obteve seu diagnóstico do câncer, Hitchens inverteu o famoso adágio —[em vez do tradicional "por que eu?", costumava declarar galhofeiro "por que não?"](#).

Amis admirava sobretudo como o amigo era capaz de pensar politicamente: um talento socrático para a retórica aliado a um humor peculiarmente britânico e alheio a qualquer gravidade afetada.

Filho de três pais

A melhor definição sobre o autor de "Os Bastidores" foi dada por um de seus maiores camaradas, o prolífico escritor Salman Rushdie, [em obituário tocante e preciso na revista "The New Yorker"](#): "Martin Amis era filho de três pais. Um pai de verdade e duas grandes influências literárias —Kingsley Amis, Vladimir Nabokov e Saul Bellow".

De acordo com Rushdie, de [Kingsley ele havia herdado o talento cômico na escrita](#), o tempo de comédia e a predileção por piadas intencionalmente vulgares.

[De Nabokov vieram a erudição expansiva e a crença](#) de que, ainda mais importante do que criar um vínculo de identificação entre o leitor e os personagens de um romance, era a capacidade de estabelecer um elo entre o leitor e o universo intelectual do autor, através de identificação estreita e profunda.

[Já de Bellow copiou a "reverência pelo estilo"](#): os parágrafos ocasionalmente grandes, mas com o ritmo absolutamente preciso, cadenciado, composto por sentenças de uma oralidade palavrosa, ao mesmo tempo que coloquial, erudita e irônica.

Outra concepção que Amis tomou de empréstimo de Nabokov foi a ideia de que era mais interessante deslocar o leitor de uma experiência de imersão radical no desenvolvimento da história, a antiga obsessão do realismo literário com "personagens, ambientação e enredo", para o próprio ato da criação literária.

Ambos autores tentaram aproximar, e às vezes quase fundir, a experiência do leitor com a do próprio autor. Isso fica muito claro em "Os Bastidores" e sugere um flerte com o pós-modernismo literário.

Entretanto, e o que é engraçado, [em entrevista concedida à "Esquire"](#) em 2020, Amis declarou sobre os livros de Thomas Pynchon e David Foster Wallace, dois bastiões do pós-modernismo na literatura contemporânea: "você não sabe muito bem o que está acontecendo durante pelo menos a metade do tempo".

E concluiu: "É claro que eu sou favorável à diversidade e à variedade. Por princípio sou a favor de que escrevam romances difíceis e experimentais. Só não contem comigo hoje em dia. A gente tem uma tolerância maior a esse tipo de coisa quando se é jovem. Você se sente orgulhoso, claro. Mas qual você acha que é a tolerância média que as pessoas têm para um livro como ['Graça Infinita' \[de Wallace\]](#)? No meu caso, no máximo 200 páginas".



O escritor Saul Bellow, vencedor do Nobel de Literatura, posa para foto em Boston, nos Estados Unidos, em 2001 - Reuters

É irônico que ele diga isso, pois em "Os Bastidores" lança mão de um recurso wallaceano por excelência: as notas de rodapé extensas que funcionam como um monólogo interior super autoconsciente, intelectual e tagarela.

[James Wood, um dos maiores críticos literários em atividade](#), definiu a ficção de Amis como uma combinação criativa de vários elementos da comédia inglesa: uma alternância rítmica, quase musicada, entre hipérboles e eufemismos; a intervenção autoral sarcástica e um ouvido atento à ironia.

Para ele, Amis tinha mais em comum com [P.G. Wodehouse](#), o humor brincalhão e a predileção por jogos de palavras a um só tempo inteligentes e patetas, do que com seus heróis mais citados, Bellow e Nabokov.

Algumas notas sobre a edição brasileira

Considerando a preocupação quase obsessiva do autor com o estilo, a edição brasileira de "Os Bastidores" infelizmente derrapa com uma frequência incômoda.

Na página 343, [o escritor britânico Evelyn Waugh](#) é submetido a uma mudança de gênero forçada e é traduzido como se fosse "uma escritora". Lembrei-me na hora da piada [em "Encontros e Desencontros"](#), filme de Sofia Coppola: "Evelyn Waugh was a man!" ("Evelyn Waugh era um homem!").

Já na página 419 há uma tradução literal de "welfare queen" para "rainha de bem-estar", o que não faz muito sentido no nosso idioma. "Welfare Queen" é uma expressão vagamente racista criada pelos conservadores nos EUA ao se referirem a mulheres negras que

supostamente enriquecem vivendo às expensas de programas de assistência social do governo.

Em português brasileiro seria o equivalente àquilo que a direita daqui chama de "mamar nas tetas do governo". Talvez fosse mais preciso optar por "rainha de bem-estar social", ou ainda por um registro coloquial mais análogo ao nosso idioma.

Amis é um escritor cômico e algumas de suas piadas acabaram mortas na tradução. É o caso de um trecho na página 421, onde "dean" é traduzido como "reitor", ignorando-se o fato de que esses títulos não têm a mesma equivalência na estrutura hierárquica de uma universidade.

A piada leva em consideração a origem eclesiástica de "deão" e brinca com a pompa e as liturgias do ambiente universitário. Como "deão" não é usado corriqueiramente no Brasil, uma opção adequada poderia ser "decano", que pode ter a mesma carga sacerdotal e é mais comum no contexto acadêmico daqui.

E ainda "routine" é traduzido como "rotina", na página 480, mas é um falso cognato. Esse termo vem de "comedy routine": uma sequência curta de piadas que compõem um arco narrativo mais amplo de uma performance cômica. Uma obra como "Os Bastidores" merecia um pouco mais de atenção e cuidado.

Uma ópera inglesa

Bill Buford, antigo editor da "The New Yorker", definiu a literatura de Amis como análoga às melhores óperas. No sentido de que, assim como ocorre com frequência no gênero, a história pode às vezes soar secundária e até mesmo irrelevante. Você está lá pela música e pela voz.

A musicalidade que Amis extraía de sua escrita, uma combinação de ritmo e uma atenção cuidadosa àquilo que uma vez definiu como "a aerodinâmica das palavras", não se encontra em qualquer canto. Nesse sentido, "Os Bastidores" não é tanto um romance habitual, mas de fato quase uma ópera, e provavelmente a grande obra-prima de um dos maiores escritores ingleses de sua geração.

Os Bastidores

- **Preço** R\$ 199,90 (592 págs.); R\$ 49,90 (ebook)
- **Autoria** Martin Amis
- **Editora** Companhia das Letras
- **Tradução** José Rubens Siqueira